

## **O Crespo**

**Julia Oliveira Godoy**

O Crespo andava ensimesmado. Percorreu a torre de vigia com suas botas de veludo, reservadas para aquelas semanas em que era escalado para o plantão noturno. Com seus binóculos de longo alcance, observava a total ausência de acontecimentos relevantes através das fendas entre os velhos tijolos da torre.

A torre de vigia havia sido construída há exatos 809 anos por um herói audacioso de quem o Crespo não recordava o nome. Associava-o a uma antiga gravura que vira em seu livro de história na única ocasião em que o abriu: um homem hirsuto, dotado de um imponente bigode que encobria, como um vegetal parasita de rara beleza, mais da metade do seu rosto. No momento em que percebeu que o pesado livro de história era composto em sua maior porção por palavras, notadamente de difícil compreensão, e não por figuras de heróis destemidos e seus bigodes pomposamente enegrecidos, o Crespo perdeu o pouco que lhe restava de interesse pelos estudos. Manteve-se no Instituto Educacional Ribeirinho devido unicamente à sua paixão pelos saborosos grumilhos preparados pela quituteira Moréia, uma receita passada de mãe para filha, da qual, apesar de insistentes apelos, ninguém fora da família detinha qualquer conhecimento.

O Crespo salivou ao lembrar-se dos grumilhos: crocantes na superfície e deliciosamente macios e suculentos em seu interior. Derretiam na boca em segundos, deixando qualquer mortal ansioso por mais um pedaço.

Moedas acumuladas no decorrer de longos anos tilintavam ruidosas nos bolsos pesados do Crespo. Ele hesitou por um instante. Estaria disposto a exercitar o desapego por um fragmento momentâneo da deliciosa recordação de sua infância? Naquele exato momento, Carmelita Doceira passava mancando com seu carrinho de mão pela Rua dos Turcos, vendendo os preciosos quitutes que aprendera a preparar com sua falecida mãe. Era só descer a escada em espiral no centro da torre, correr em direção àquela jovem e depositar em suas pequeninas mãos uma brilhante moeda. Apenas uma.

O Crespo tremia. Um arrepio em forma de espiral nasceu em seu umbigo (o centro do seu universo) e percorreu em ondas circulares toda a extensão do seu corpo. A torre de vigia, normalmente uma amiga acolhedora e desprovida do sopro vital, parecia se voltar contra ele e engoli-lo em uma fração de segundo. A sensação era de afogamento. Não. Era como se o deus do rio, em pessoa, torcesse sua espinha como uma lavadeira faria com um trapo encharcado. Sua mão ossuda enfiou-se involuntariamente em seu bolso esquerdo e seus dedos fechavam-se, contra a sua vontade, ao redor das moedas.

O Crespo não compreendia aquele estranho fenômeno, em que forças invisíveis se apropriavam dos seus membros, forçando-os a executarem movimentos indesejáveis. Ele não acreditava em espíritos vingativos e todas aquelas bobagens. Nem mesmo quando surrupiava as moedas deixadas pelas viúvas nos túmulos de seus maridos. Ou quando, nas noites frias, os guardas se reuniam ao redor da chama sinuosa de uma fogueira e disparavam a contar histórias de assombração, e o Gago soprava em seu ouvido fazendo estranhos ruídos com a boca. Não mesmo. O Crespo, cético que era, não se deixava engambelar por essas baboseiras místicas envoltas em uma aura de magia e mistério. Ele pisoteava fadinhas e degolaria um elfo sem nenhuma culpa, se acaso encontrasse um. Magia e mistério são para os fracos! Homens como ele preferem pão duro com calabresa!

Então, em vez de descer as escadas com seus bolsos balouçantes, o Crespo arremessou uma grande pedra que atingiu em cheio a Carmelita, pondo fim a uma longa tradição culinária.

---

**Julia Oliveira Godoy** é publicitária, escritora e servidora pública. Tem um livro publicado por demanda (“Ratos com Asas”) e um livro inédito de contos (“Pão com Recheio de Sobras”).